

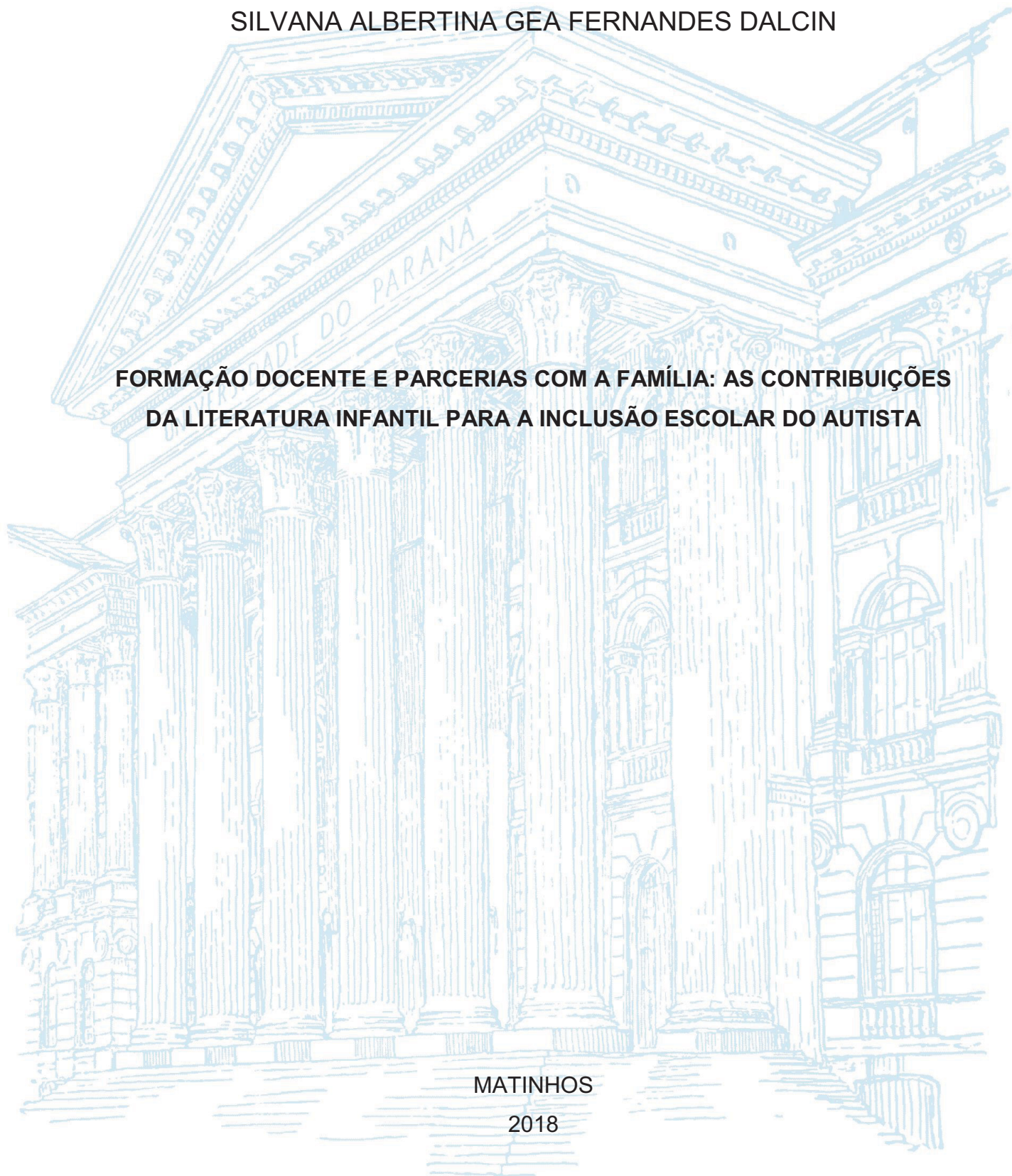
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILVANA ALBERTINA GEA FERNANDES DALCIN

**FORMAÇÃO DOCENTE E PARCERIAS COM A FAMÍLIA: AS CONTRIBUIÇÕES  
DA LITERATURA INFANTIL PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DO AUTISTA**

MATINHOS

2018



SILVANA ALBERTINA GEA FERNANDES DALCIN

FORMAÇÃO DOCENTE E PARCERIAS COM A FAMÍLIA: AS CONTRIBUIÇÕES  
DA LITERATURA INFANTIL PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DO AUTISTA

Trabalho apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma nova Educação, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Marion Andreoli

MATINHOS

2018

## TERMO DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA  
NOVA EDUCAÇÃO



### PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Vanessa Marion Andreoli**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Silvana Albertina Gea Fernandes Dalcin** sob o título "FORMAÇÃO DOCENTE E PARCERIAS COM A FAMÍLIA: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DO AUTISTA", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dra. Vanessa Marion Andreoli  
Professora Orientadora

Dra. Lenir Maristela Silva  
Professora Integrante

MSc. Almir Carlos Andrade  
Professor Integrante

Silvana Albertina Gea Fernandes Dalcin  
Estudante

#### Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena

AS = Aprendizagem Suficiente

#### Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente

AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este trabalho a todos os autistas e pais de autistas que lutam e se superam a cada dia. Aos educadores dispostos a fazer a diferença para uma educação inclusiva.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que não faz acepção de pessoas e ama a todos igualmente. A minha família que sempre me apoia e incentiva a continuar, aos meus filhos Thiago, Camila e Lucas e com um toque a mais ao Lucas que me levou para educação e me possibilita a ter valores e sensibilidade para com o próximo e lutar sempre por um mundo mais inclusivo. Aos meus netos Olivia e Pietro que são a minha inspiração para escrever e criar. Aos amigos que fiz nessa caminhada. Muito obrigada, pois sem vocês, não teria sido possível chegar tão longe.

Passarinho de toda cor, gente de toda cor,  
amarelo, rosa e azul, me aceita como eu sou.  
(Renato Luciano, 2017.)



## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre inclusão no ambiente escolar, apresentando uma experiência na formação e na prática docente, sob um olhar especial ao aluno autista, buscando ressignificar o que é o autismo. Se o docente tiver um olhar especial à criança, dando a ela um direcionamento, com estímulos por meio de atividades, conteúdos, conhecimentos em um espaço acolhedor, respeitando as suas diversidades, limitações e habilidades, elas serão mais expressivas, responsáveis e capazes de se inserir na sociedade. É possível facilitar e promover o acesso ao aprendizado do aluno, na situação de inclusão, na escola regular por meio do uso da literatura infantil e seu conteúdo. Este material didático, sensorial, é utilizado para o desenvolvimento das crianças de forma responsável e dirigida. Dessa forma, podemos fazer uma abordagem mais educativa, estimulando ainda mais a capacidade de raciocínio e criatividade da criança. A experiência aqui relatada foi realizada com o livro *O Príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia*, direcionada para três famílias com crianças da mesma faixa etária, com e sem necessidades especiais, no ambiente familiar, da mesma forma foi feito em um ambiente coletivo, a sala de aula. Esta metodologia possibilitou que se observasse que tanto as crianças com necessidades especiais como as que não apresentam necessidades especiais, quando são estimuladas com uma boa literatura, podendo contar com recursos visuais das ilustrações dos contos, são capazes de compreender e manifestar esta compreensão.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Autismo. Formação Docente. Literatura Infantil.

## ABSTRACT

The present work aims to reflect on inclusion in the school environment, presenting an experience in teacher training and practice, with a special look at the autistic student, seeking to re - signify what autism is. If the teacher has a special look at the child, giving it a direction, with stimuli through activities, content, knowledge in a welcoming space, respecting their diversity, limitations and skills, they will be more expressive, responsible and capable of society. It is possible to facilitate and promote access to student learning in the inclusion situation in the regular school through the use of children's literature and its content. This didactic material, sensorial, is used for the development of the children in a responsible and directed way. In this way, we can take a more educational approach, further stimulating the child's reasoning and creativity. The experience reported here was carried out with the book *O Prince Pietro and Virginia Witch*, directed to three families with children of the same age group, with and without special needs, in the familiar environment, the same way was done in a collective environment, the room of class. This methodology made it possible to observe that both children with special needs and those who do not have special needs, when stimulated with a good literature, can rely on visual resources from the illustrations of stories, are able to understand and express this understanding.

Key words: School inclusion. Autism. Teacher Training. Children's literature.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – SILVANA E LUCAS.....	04
FIGURA 2 - FADELHAS.....	05
FIGURA 3 – ANA CLARA.....	09
FIGURA 4 – NATHAN .....	09
FIGURA 5 – JOÃO PEDRO .....	10
FIGURA 6 – LUIZ GUSTAVO.....	10
FIGURA 7 – RODA DE CONVERSA .....	12
FIGURA 8 – RODA DE CONVERSA .....	13
FIGURA 9 – RODA DE CONVERSA .....	13
FIGURA 10 – RODA DE CONVERSA .....	14
FIGURA 11 – FADELHAS .....	15
FIGURA 12 – LIVRO DIGITAL .....	15



## SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	MEMÓRIA DE VIDA.....	04
3	RELATO DE EXPERIÊNCIA O PROJETO.....	06
3.1	PARCERIA COM AS FAMÍLIAS.....	07
3.2	RODAS DE CONVERSA.....	11
3.3	AUTISMO E A PERSPECTIVA DE UMA MÃE.....	16
3.4	INCLUSÃO E LITERATURA INFANTIL.....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
	REFERÊNCIAS.....	22

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre inclusão no ambiente escolar, apresentando uma experiência na formação e na prática docente, assim como a parceria com as famílias, sob um olhar especial ao aluno autista.

Na tentativa de buscar ressignificar o que é o autismo e compreendendo que ainda há muito a caminhar para que se tenha uma educação efetivamente inclusiva.

Estamos em um processo de crescimento na educação especial com muitos pontos a serem abordados e conquistados e muitos professores ainda não possuem formação e informações necessárias para tratar seu aluno e incluí-lo em sua sala de aula, o que provoca insegurança ao professor e desconforto ao aluno no seu dia a dia.

Sendo isto uma realidade, torna-se necessário e urgente uma formação tanto inicial como continuada dos docentes que aborde o problema e mostre também alternativas para incluir as crianças com necessidades especiais nas escolas regulares, já que a educação é direito de todos.

Uma vez que o educador tem que estar em formação continuamente e olhando para o processo de inclusão, é fundamental e nosso dever pensar em como esse docente vem sendo preparado para essa inclusão, lembrando sempre que são eles a chave para o desenvolvimento do aluno.

Nesse contexto, as rodas de conversa com os docentes, sejam eles em formação ou já atuantes, enriquecem e fortalecem a reflexão necessária sobre o acolhimento ao aluno com necessidades especiais.

Para iniciar é fundamental a compreensão que a inclusão vai muito além de um ato de amor.

Somente com uma formação crítica os docentes estarão abertos a diversidade e a novas alternativas de educação, que atendam as necessidades de seus alunos.

Nesse sentido, a inclusão não é dever somente do educador, mas sim da rede educacional.

A Lei nº 12.764, que institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista", sancionada em dezembro de 2012 pela então presidente da república Dilma Rousseff, garante aos autistas o direito a todas as políticas de inclusão do país entre elas as de Educação. Sendo os autistas considerados oficialmente pessoas com deficiência, é preciso que haja formação a

professores sobre a acolhida e luta pelos direitos estabelecidos pela legislação para pessoas com deficiência, assim como saber quais são as necessidades deste aluno.

O professor necessita, nesse sentido, ser o mediador, para que o estudante com deficiência seja acolhido com amor e respeito no seu direito, tendo em vista as dificuldades de interação deste aluno em se adaptar ao demais, principalmente em uma sala de aula em uma escola de ensino regular.

Mesmo o aluno com deficiência que está inserido em uma escola de Educação Especial necessita de algo que lhe seja prazeroso e acolhedor proporcionando um novo olhar para a educação.

Nesse contexto, a leitura infantil como fonte de aprendizagem propõe este acolhimento e respeito ao aluno com deficiência.

É possível que o aluno se expresse e interaja com os demais mesmo dentro de suas limitações, inserindo um projeto de nova Educação, para que amplie e fortaleça a inclusão de pessoas com deficiência, criando metodologia inovadora e complementar bem como materiais didáticos e atividades artísticas.

A literatura infantil usada de forma consciente estimula a capacidade e criatividade da criança.

Trocando informações com uma colega do curso do qual este trabalho foi fruto, ela arte-educadora e também mãe de filho com necessidades especiais (daltonismo), descobriu-se que tínhamos muitos pontos entre nossos objetivos de trabalho que convergiam principalmente à necessidade de levar informação sobre a questão da inclusão para a formação continuada de professores e formação inicial de docentes.

A partir de nossas experiências, concordávamos sobre a necessidade emergente de conscientizar sobre inclusão e acolhimento à criança autista e criança daltônica, pois nada ensina mais que a vida.

Então começamos a incorporar nossos conhecimentos e experiências, difundindo a prática de nossos projetos em rodas de conversas, trocando saberes, ensinando e aprendendo sobre o Autismo, Daltonismo, a inclusão e a importância da literatura no acolhimento.

Foram apresentados para docentes já em atividades e docentes em formação inicial, em Rodas de conversa realizadas nas escolas do município de Guaratuba/PR (Escola Municipal Governador Moisés Lupion), Matinhos/PR (Colégio Estadual

Sertãozinho) e em Paranaguá/PR, na Ilha dos Valadares (Escola Municipal Graciela Almada Dias), no período de agosto de 2017 a maio de 2018.

A experiência aqui relatada também foi realizada a partir do livro *O Príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia*, com crianças da mesma faixa etária, duas de quatro anos e duas de oito anos, com autismo e sem necessidades especiais, dentro do seu ambiente familiar, de forma lúdica e sem a presença do pesquisador. Foi sugerido que o familiar fizesse a contação da história, e buscasse saber o que a criança gostou o que mais chamou sua atenção e que fosse feito um paralelo da história narrada com o seu cotidiano.

Por meio do desenvolvimento do trabalho, pode-se perceber que essa narrativa de experiência e os parâmetros de observação juntamente com a metodologia de se trabalhar a literatura infantil, alicerçado na minha experiência e dificuldades encontradas no período de três anos em que desenvolvi um projeto de contação de história para alunos da Escola Municipal Ilha do Saber Modalidade Especial – Pontal do Paraná são abordagens pedagógicas que podem atender de maneira mais acolhedora o aluno ou a criança com necessidades especiais.

## 2. MEMÓRIA DE VIDA

Ser mãe de um aluno disléxico e autista me trouxe para área da educação, com o objetivo de lutar por um mundo onde a inclusão não seja só um sonho.

Sei bem os desafios enfrentados por um aluno de inclusão, me apaixonei pela educação e pela arte, quando em 2012 acompanhando meu filho Lucas em uma nova etapa de sua vida, a tão sonhada universidade. Ingressei na universidade UFPR – Litoral no curso Licenciatura em Artes e poder estar ao lado dele como colega de turma foi maravilhoso.

FIGURA 1 – Silvana e Lucas



FONTE: o autor (2017)

Sou licenciada em Artes pela UFPR Litoral e hoje uma arte educadora, escritora e ilustradora, autora do livro *O Príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia*. Este livro foi publicado no Brasil e Portugal no ano de 2015, foi fruto do meu trabalho de conclusão de curso de licenciatura em artes.

Outro aspecto importante de minha formação foi o Projeto de Extensão Minha Escola Lê (MEL) que participei, atuando em uma escola de modalidade especial. Desenvolvi por três anos um trabalho de contação de histórias, em parceria com a colega, Suzane Salete Gruchouskei, também arte educadora.

Durante a aplicação deste projeto pude ver o quanto essa área é deficiente. Não há projetos e nem aplicação de metodologias nesta área de contação de

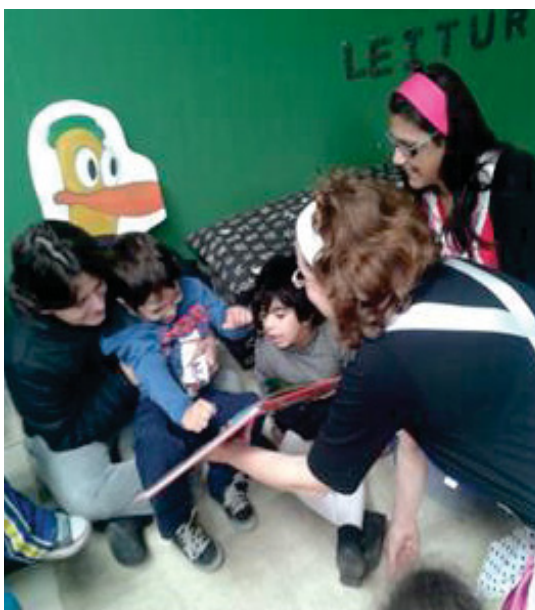
histórias e de utilização da literatura infantil, ditos conto de fadas na aprendizagem na educação especial. Dessa forma, para trabalhar este projeto, tivemos que desenvolver uma metodologia própria, observando que os alunos tinham dificuldades em se manterem concentrados durante a leitura dos livros de literatura.

Pensei em algumas alternativas para fixar o momento da leitura e me veio à ideia da confecção de uma roupa colorida para a contação de histórias. Então eu criei o figurino.

A princípio uma roupa de fada, com tule colorido, meio vestido meio avental; na confecção, pensei em colocar pétalas coloridas de tecido, como se fossem retalhos das histórias narradas, representando a alegria que as histórias devem provocar nos leitores.

A roupa é uma representação da concepção da contação de histórias adotada no Projeto, com o intuito de trazer o mundo dos livros mais próximo aos alunos, sem cobranças, por meio do afeto e do prazer de compartilhar leituras, assim nasce as “Fadelhas”.

FIGURA 2 – Fadelhas



FONTE: o autor (2016)

É com essa visão de alternativas para uma nova educação e o fazer diferente, que podemos propor um novo aprendizado, uma forma de inclusão, formando cidadãos melhores e capazes de atuar na sociedade.

### 3. RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROJETO

Em busca de mais conhecimentos e sonhos, as minhas vivências foram pautadas nos ensinamentos do sábio Paulo Freire (2000, s/p.) que diz: “Para mim, é impossível existir sem sonho. A vida na sua totalidade me ensinou como grande lição que é impossível assumi-la sem risco.”

Assumi o risco de conhecer e fazer parte de uma educação inovadora e emancipatória, uma educação por meio de vivências com integração e aprendizagem coletiva centralizada em projetos ANE (Alternativas para uma Nova Educação), com a certeza de que era isso que buscava. Sempre com meus objetivos na inclusão e com meus conhecimentos e experiências de vida, me integrei a esse novo mundo cheio de experiências e desafios para compartilhar e aprender.

Essa caminhada me trouxe um leque de possibilidades, pois a troca de experiências com os demais só fez enriquecer e ter certeza de que é possível ter uma educação para além dos muros da escola: uma educação inovadora, onde o foco seja o aluno como “ser humano”. Na ANE vi que meus questionamentos não eram apenas meus e sim de um coletivo que está em busca de mudanças.

Nesse contexto, surgiram questionamentos como: Quando a educação vai olhar para o potencial que cada indivíduo tem e não para o seu rótulo “aluno autista”, “aluno hiperativo”, “aluno deficiente”, “aluno com dislexia”, “aluno indígena”, “aluno pobre”, “aluno negro”? Até quando vai se insistir em medir o potencial do aluno em umas poucas questões de marcar X? Até quando um aluno com potencial diferente vai ser tratado como um incapaz, e se pensar que o aluno atrapalha o bom andamento da sala de aula? Até quando vamos aceitar uma educação quadrada, fechada, nos moldes arcaicos acreditando que isso é o correto? Até quando uma mãe que questiona e luta pelos seus direitos vai ser tratada com indiferença? Quando vamos dar as nossas crianças o direito de serem criativas?

Estes e tantos outros questionamentos foram sendo respondidos de uma forma direta a cada encontro e fortalecido a cada Conane (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), um espaço democrático aberto pelo Poder Público, para que todos possam participar do desenvolvimento da Educação Nacional, onde a troca de saberes vem de grandes educadores como José Pacheco,



Celso dos S. Vasconcellos e Sonia Goulart. Somos uma rede que está se ampliando e somando novos projetos.

O meu projeto na ANE se deu em rodas de conversas trazendo a troca de experiências com os professores e alunos de formação inicial de docentes, onde conversamos sobre autismo e da minha experiência de vida como mãe de autista, inclusão e literatura infantil. Em paralelo realizei uma experiência com crianças no seu ambiente familiar, sem a minha presença, mas com a minha orientação, de leitura e interpretação do livro *O Príncipezinho Pietro e a bruxinha Virgínia*.

### 3.1 PARCERIAS COM AS FAMÍLIAS

Primeiramente entrei em contato com três famílias distintas e de localidades diferentes, sendo elas duas crianças com necessidades especiais (crianças autistas) e duas sem necessidades especiais, na faixa etária de indicação do livro (03 a 08 anos), onde os seus familiares iriam trabalhar com o contar da história e estimular as atividades sem a minha interferência com as crianças. Após o meu contato cada criança recebeu o seu livro e o responsável uma cópia da metodologia por mim desenvolvida, a ser trabalhada:

- Apresentar o livro e seu conteúdo de forma clara e limpa sem fazer uso de recursos teatrais e visuais. Usando somente como recurso visual a própria ilustração.
- Auxiliar a criança para que desenvolva a consciência e consiga fazer a associação de que a história narrada está saindo das páginas do livro, é o contado direto entre o livro e a criança.
  - Trazer o cotidiano das crianças para dentro da história.
  - Ensinar valores fazendo os paralelos com a história.
  - Utilizar elementos contidos na história para ensinar conteúdos pedagógicos e didáticos.
  - Utilizar das ilustrações para leitura de imagem.
  - Oportunizar que as crianças se manifestarem, acatando suas contribuições mesmo que de forma complexa.
  - Trazer acolhimento à criança em situação de inclusão trazendo-a ao centro da roda.
  - Propor o descolamento das crianças para um local aconchegante.

- Trazer práticas de artes visuais com confecções dos personagens da história com sucatas.

- Quando trabalhado com crianças com deficiências mais severas, recomenda-se o uso de uma roupa ou figurino que traga a memória da criança que aquele momento é de contação de história e momento de interação e inclusão.

Considerando a importante figura do contador de histórias, Tiepolo, Dalcin e Gruchouskei (2015, p. 4599) ressaltam que:

O contador deve sempre manter o contato visual com os ouvintes, e com os alunos especiais, isso é o mais importante, eles devem se sentir parte da história, por isso devemos fazer pequenas adaptações para que eles se reconheçam nesse mundo.

Nessas adaptações, está a transformação do conteúdo para ensinar disciplinas do currículo escolar. Tendo também as ilustrações como grande aliada para a melhor compreensão da história, elas servem como leitura visual, tão fundamental para crianças autistas.

Segundo Dalcin (2016, p. 10) “A minha experiência com a contação de história me fez perceber a importância da história infantil no desenvolvimento da criança no estímulo de sua imaginação”. A autora destaca que nesse sentido toda criança tem a capacidade de compreender e aprender basta para isso fornecermos material que estimule sua imaginação.

No presente projeto, o responsável por cada criança na família se comprometeu em me relatar como foi essa troca, como a criança recebeu a história, o resultado da leitura e interpretação do livro. Isso me veio em formato de um pequeno relato enviado por e-mail juntamente com a fotografia da criança participante para ser compartilhado.

Trago aqui relatos de experiências das famílias e crianças convidadas a participarem deste projeto. Esses relatos trazem à luz a importância deste projeto.

- Ana Clara e Nathan não são parentes e não têm necessidades especiais, seus relatos foram enviados pelos pais e transcritos na íntegra.

I. Ana Clara 08 anos, Paranaguá/PR.

“Aninha fez questão de levar o livro *O príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia* para a escola, contou a história para os coleguinhas e fez algumas

descobertas, entre elas que alguns de seus amiguinhos não têm mais avô e avô e também que na Inglaterra e na Polônia no inverno tem neve. E o personagem que mais gosta é a bruxinha Virginia”.

FIGURA 03- Ana Clara



FONTE: O autor (2018)

II. Nathan 04 anos, Londrina/PR.

“Gostou muito do livro, já pintou os personagens, e quer muito ter um gato que fala e quer ser amigo do Pietro e da Virginia”.

FIGURA 04- Nathan



FONTE: O autor (2018)

- João Pedro e Luiz Gustavo são irmãos e os dois têm necessidades especiais, são autistas. Os seus relatos foram enviados pelos pais e transcrito na íntegra.

III. Luiz Gustavo - 04 anos, Guaratuba/PR.

"o livro é muito interessante e o príncipe é muito legal!"

FIGURA 05 - João Pedro

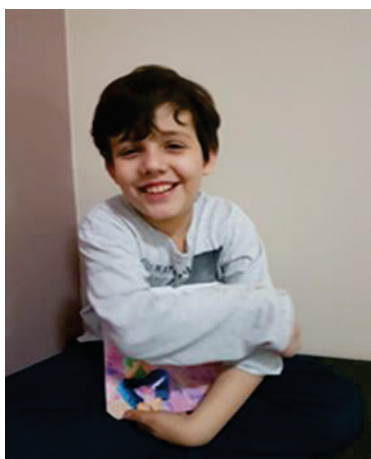


FONTE: O autor (2018)

IV. João Pedro - 08 anos, Guaratuba/PR.

"ele não dá opiniões espontaneamente ainda... mas responde a perguntas simples. Perguntei se ele gostou e disse que sim. Perguntei do que ele mais gostou e ele disse que era dos personagens e que tem as folhas pra colorir".

FIGURA 06 - Luiz Gustavo



FONTE: o autor (2018)

Esses relatos vêm confirmar que toda criança tem a capacidade de compreender e aprender, basta para isso fornecermos material que estimule sua imaginação, confirmando essa premissa.

### **3.2 RODAS DE CONVERSA**

O segundo passo foi fazer uma pesquisa para saber qual escola do estado do Paraná, centralizando em Matinhos e entorno, estaria aberta a receber este projeto de roda de conversa onde seriam abordados os temas autismo, inclusão e literatura infantil. Minhas abordagens nas rodas de conversas foram relacionadas à inclusão e o autismo sobre vários ângulos e particularidades, compartilhando informações sobre o uso da literatura infantil como instrumento de aprendizado, acolhimento e inclusão. Primeiramente será compartilhado um pouco da experiência nas escolas e em seguida, brevemente relatado o conhecimento que embasou as rodas de conversa.

Para que realmente aconteça à inclusão é fundamental que os docentes estejam familiarizados com cada termo abordado e com formas e possibilidades de suavizar o convívio do aluno autista em sala de aula, utilizando a literatura para auxiliar este processo de inclusão. Compreendo que cada professor é a sua escola e somente dividindo e somando conhecimentos teremos um mundo melhor, José Pacheco (2016, s/p.) diz que a “Escola não são prédios, escolas são pessoas”. Nesse sentido, as rodas de conversas aconteceram em três cidades do litoral do Paraná: realizadas nas escolas do município de Guaratuba/PR (Escola Municipal Governador Moisés Lupion), Matinhos/PR (Colégio Estadual Sertãozinho) e em Paranaguá/PR, na Ilha dos Valadares (Escola Municipal Graciela Almada Dias), no período de agosto de 2017 a maio de 2018.

A primeira escola a abrir suas portas para nossa roda de conversas e troca de informações e conhecimentos foi a Escola Municipal Moises Lupion, localizada no município de Guaratuba/PR.

Em um dia especial na semana da inclusão, mais especificamente no dia em que se comemorava o dia do surdo, o evento contou com pais, alunos, professores e coordenação.

Esta roda de conversa se deu no pátio da escola integrando alunos, pais e professores, situação em que foi necessário o uso de microfone.

Além da apresentação em telão, contamos com a participação da intérprete de libras, essa apresentação teve em média uma hora e trinta minutos, onde foi possível dividir diretamente com os pais a importância e os resultados do uso da literatura infantil no ambiente familiar.

Ao término da roda de conversa os participantes receberam um material de conscientização sobre autismo fornecido pelo Grupo de pais, amigos e profissionais dos autistas de Guaratuba-PR.

E foi aberto a perguntas a respeito do tema apresentado. Nesse momento sempre identificando alguém conhecido que passa por essa situação narrada, um pastor veio solicitar informações de como proceder com as crianças e adultos com necessidades especiais em sua igreja, para promover um acolhimento adequado para seus fiéis.

FIGURA 07 - Roda de Conversa



FONTE: o autor (2018).

A segunda escola a nos acolher foi o Colégio Estadual Sertãozinho, no município de Matinhos/PR. Foram dois momentos com duas turmas diferentes: primeiro e segundo ano de formação inicial de docente “magistério”.

A roda de conversa se deu em da sala de aula com a presença de alunos e professora, onde foi necessário mexer com a disposição das carteiras, propondo uma desconstrução e colocando-as em roda.

Foi possível o contato direto dos alunos com o livro *O príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia*, uma pequena dinâmica de como trabalhar o livro e a conversa sobre autismo, inclusão e daltonismo, com duração de duas aulas para cada turma.

Percebemos que uma aluna em especial ficava inquieta e saiu por várias vezes da sala, sempre que a conversa se acalorava com perguntas e respostas e na sequência ela se apresentou diante de todos como sendo autista, chorou muito, pois sentiu que naquele momento alguém tinha um olhar especial para ela e falavam sobre as suas dificuldades e sua exclusão dentro da sociedade.

Mais dois alunos se apresentaram como daltônicos e contaram um pouco de suas dificuldades na vida acadêmica, sendo a alfabetização feita no geral por formas e cores.

A cada turma que passaram tiveram uma surpresa, os educadores nem sequer tinham o conhecimento de que possuíam alunos daltônicos.

FIGURA 08 - Roda de Conversa



FONTE: o autor (2018)

FIGURA 09 - Roda de Conversa



FONTE: o autor (2018)



A terceira escola a nos acolher foi em Paranaguá/PR, na Ilha dos Valadares, a Escola Municipal Graciela Elizabete Almada Dias.

Lá a troca de saberes foi com professores de várias escolas com diversas formações, reunidos neste local. Inicialmente, compartilhamos como é possível fazer uso da literatura infantil para promover acolhimento e facilitar o aprendizado.

A participação de todos foi bem intensa configurando-se por meio do compartilhamento de suas experiências.

Ao longo da roda de conversa que se estendeu por uma hora e quarenta minutos, muitos conseguiram identificar situações possíveis com alunos com necessidades especiais e formas de amenizar o trato com os mesmos na situação de inclusão.

FIGURA 10 - Roda de conversa



FONTE: o autor (2018)

Sabemos que temos muitos Educadores comprometidos e atentos aos seus alunos com vontade de saber mais e de trocar saberes.

Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo[...] E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos. Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas (RUBEM ALVES, 2009. s/p).

É necessário despertar o interesse dos educadores para que desenvolvam um olhar inclusivo e libertador resultando em uma resposta positiva de ambos: educador e aluno.

Não podemos deixar de difundir esse formato de projeto de nova Educação, para que amplie e fortaleça a inclusão de pessoas com deficiência, criando metodologia inovadora e complementar, bem como materiais didáticos, levando informação aos doentes sobre acolhida de seus alunos.

Todo este relato foi transcrito em formato de livro e em um conto de fada que está disponível em forma de livro digital.

O livro tem como título “O azul da cor que eu vejo”<sup>1</sup>, título esse, que nos remete a pensar nas duas deficiências narradas nesta pesquisa, e que traz de forma lúdica um contexto tão importante e sério.

Essa história foi contada pelas “Fadelhas”<sup>2</sup> na III Conane Caiçara, realizada na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

FIGURA 11 - Fadelhas



FONTE: o autor (2017).

FIGURA 12 – Livro Digital



FONTE: o autor (2018).

As Rodas de conversa foram embasadas tanto nas nossas experiências como mães quanto em conhecimentos sobre a inclusão, o autismo e as contribuições da literatura infantil.

---

<sup>1</sup> Livro digital disponível: <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/913888YCUFNQNB>

<sup>2</sup> Apresentação Fadelhas: <https://www.youtube.com/channel/UCxIVQamD1IMzBQGdEDDkvTQ/videos>

### 3.3 AUTISMO E A PERSPECTIVA DE UMA MÃE

Não sou especialista em autismo, porém trago a experiência de 27 anos com o Lucas, e vou compartilhar o que aprendi com o meu filho.

Lucas tem autismo leve e dislexia e um atraso mental leve, é o primeiro aluno autista a se graduar na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

Ressalta-se que o espectro do autismo é classificado como leve, moderado e severo.

Autismo é uma palavra grega (autós) que significa “por si mesmo”, autismo não é uma doença e sim uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas.

É um distúrbio de desenvolvimento, permanente (ORRÚ, 2009). Sabendo que o autismo é um distúrbio do desenvolvimento se faz necessário buscar alternativas educacionais para atender essa criança de uma forma mais acolhedora e menos sofrida.

O autista ou TEA (transtorno do espectro autista) têm seus direitos garantidos pela Lei nº 12.764, que institui a "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista". Como no Estatuto da Criança e Adolescente (Lei 8069/90) e maiores de 60 anos, têm os direitos assegurados no Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003).

Por que é importante saber sobre autismo? Sabe-se que hoje o número de crianças autistas já supera a somatória da AIDS, câncer e diabetes, são dois milhões de crianças autistas no Brasil setenta milhões no mundo (GADIA, 2004).

O diagnóstico é clínico e feito por um neurologista ou psiquiatra, nem sempre o diagnóstico é fechado na primeira consulta, sendo necessária uma série de exames que se juntarão a outros fatores associados.

O Lucas só teve seu diagnóstico fechado em 2012, por seu neurologista, porém durante sua vida sempre se buscou ter este diagnóstico.

Entre 05 e 06 anos na idade inicial da vida acadêmica veio o diagnóstico de dislexia seguido do de atraso mental leve, com comprometimento acadêmico e social, tudo dentro do espectro autista mesmo sem fechar o diagnóstico: CID 10 (Classificação Internacional de Doenças) e DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

São inúmeros absurdos falados por vários profissionais, como por exemplo, que “ele não é autista porque autista não tem sentimento” e “um dia vai dar um clique e ele vai ficar normal”. Absurdos esses que varias vezes ouvi.

Fatos que todo autista gostaria que seu professor soubesse e de extrema importância é que cada autista é único, ele tem um tempo para processar as informações. Segundo Orrú (2009), a linguagem adentra todas as áreas de seu desenvolvimento, orientando sua percepção sobre todas as coisas e o mundo no qual está inserido. Portanto, explique e aguarde, a resposta virá, nem sempre como você espera, sendo necessário tornar a explicar de uma forma mais clara.

É possível que a criança ou adulto tenha dificuldades auditivas, então uma frase muito elaborada com muitas palavras se torna confusa. Usar recursos visuais possibilita um melhor entendimento.

O Lucas sempre deu preferência a vídeos, as histórias com ilustrações, para ele, o estímulo visual é perfeito.

Conforme afirma Orrú (2009. p.71) o aluno com autismo é um ser humano que deve ser respeitado em seus limites. Muitas vezes o aluno precisa de um tempo para se reorganizar, deixe-o em um lugar agradável, como um cantinho para leitura, com um tapete e algumas almofadas, ele retornará para as atividades muito mais calmo.

Fique atento na hora do recreio às filas e ao barulho natural das outras crianças, isso pode deixa-lo inquieto.

Com relação à alimentação, muitas vezes o autista precisa de mais tempo.

Experiência vivenciada com o Lucas: a professora da pré-escola não foi capaz de aguardar que ele terminasse o seu sorvete e mandou que ele o jogasse fora, a consequência foi uma semana com febre alta, até que ele foi capaz de explicar o ocorrido, e poder tomar o sorvete da escola até o final.

Lembre-se sempre de elogiar suas conquistas e nunca compará-lo com os outros alunos.

Promova brincadeiras que inclua o seu aluno autista, ele tem dificuldades de se comunicar e se socializar com os demais.

Não se esqueça de que ele escuta tudo o que é falado, e percebe quando estão falando dele e quando é deixado de lado em atividades e brincadeiras.

O Lucas muitas vezes foi excluído das brincadeiras, das festinhas de aniversários, dos trabalhos em grupo, são essas marcas que vão acompanhá-lo pela vida.

Um fato importante para ser ressaltado é o uso da cor azul para representar o autismo, que se dá pelo fato de que cada cinco crianças nascida com autismo somente uma é menina, então a evidência de meninos autista é bem maior, o que define o uso da cor, também tem como simbologia o quebra-cabeça que traz a complexidade do autismo.

Há também muitos mitos que perpassam pela compreensão do autismo:

- Autista tem um mundo próprio é mito, ele só tem dificuldade de se sociabilizar, mas podemos ensiná-los.
- Autista é muito inteligente é mito: sua inteligência é normal, em alguns casos com algumas habilidades em destaque, como também é bem comum apresentarem níveis de retardo mental.
- Autista não gosta de carinho é mito, ele gosta sim, em alguns casos são mais sensíveis ao toque. Amor e carinho fazem bem para todos nós.
- Autista gosta de ficar sozinho é mito, ele gosta de estar junto de quem o trata com respeito.

Se tivermos em mente que o autismo é um distúrbio neurológico, que independe da classe social, religião, raça ou cor e que pode acontecer em qualquer família, e que ele precisa de amor, respeito e afeto aliado a intervenções como fonoaudiologia, psicoterapia, terapia ocupacional, em alguns casos tratamentos farmacológico e dietas alimentares, entre tantas outras terapias indicadas diretamente pelo neurologista que o acompanha.

O Lucas ao longo da sua infância e adolescência teve acompanhamento com fonoaudiologia, psicoterapia e terapia ocupacional o que foi vital para o seu desenvolvimento.

### **3.4 INCLUSÃO E LITERATURA INFANTIL**

A inclusão pode ser definida como “o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte” (DICIONÁRIO DE SIGNIFICADOS, 2018, s/p).

Mas se pararmos para analisar será que realmente existe inclusão no meio em que habitamos? Muito se fala em inclusão porém o ato de incluir o outro na nossa vida, na nossa sala de aula, na nossa escola, não é algo tão fácil principalmente quando o outro não corresponde as nossas expectativas, quando o outro foge aos ditos padrões normais da sociedade.

A importância de uma cuidadosa preparação para educação escolar é óbvia. A preparação pode ter considerável influência na atitude da criança em relação à escola e a educação. A preparação necessária à educação escolar de uma criança com necessidades especiais depende das circunstancia de cada caso. Pacheco (2007, p. 85)

Está mais que na hora de mudarmos o nosso comportamento e olharmos para o outro da mesma forma que gostaríamos de ser olhado e cuidado.

Segundo, (PACHECO, 2007, p. 115) “a inclusão pode estar associada à ideia de uma comunidade de aprendizagem diferente, dentro da qual as pessoas atingem níveis mais altos de desenvolvimento juntas do que conseguiram separadamente”.

Todos têm o direito ao respeito e a inclusão independente da nossa cor, raça, religião, opção sexual, ou deficiência.

Temos que estar atentos, pois nem toda deficiência é visível, porém todas necessitam de cuidados.

Nas rodas de conversas salientou-se a importância de se utilizar o livro infantil e seu conteúdo como material didático e sensorial para o desenvolvimento das crianças, de forma responsável e dirigida.

Podemos fazer uma abordagem mais educativa e estimular ainda mais a capacidade de raciocínio e criatividade da criança.

Literatura infantil inerente à educação incorporando o acolhimento do aluno com deficiência para promover a inclusão, nas rodas de conversas trazendo vivências da contação de histórias utilizando o livro “*O Príncipezinho Pietro e a Bruxinha Virginia*”, voltadas para a formação continuada e a formação inicial de docentes, trazendo para essa prática atividades pedagógicas de como trabalhar o conteúdo da história com uma nova visão, trazendo para o aprendizado outros conteúdos como matemática, português, ciências, geografia e outras disciplinas, e valores como amizade, respeito, amor aos animais e deveres dos cidadãos. Conforme destaca Meireles (1984):

O livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois nele podem-se encontrar duas estratégias, a da palavra (texto) e da forma (ilustração), de forma a facilitar o entendimento e o interesse pelo livro. Pois toda criança dá mais atenção às coisas que lhes agradem, e o livro infantil é um material atraente e agradável. (MEIRELES, 1984, p. 61).

Sabendo que o livro infantil pode trazer prazer a criança quando bem explorado e trabalhado de forma agradável aliando as suas ilustrações a história narrada pode promover entendimento. Conforme afirma Dalcin (2016, p. 27):

[...] ensinar e aprender devem ser algo prazeroso para ambas as partes, tanto para quem ensina e para quem aprende e o livro infantil tem este poder. A criança é capaz de mergulhar nas ilustrações e ver e viver em um mundo imaginário, o que torna qualquer aprendizado muito mais fácil.

É com essa base já fundamenta na minha experiência na educação especial como “Fadella”, que afirmo a eficácia da utilização da literatura infantil e suas ilustrações como instrumento para alcançar e tocar crianças e adultos com necessidades especiais até mesmo as mais severas e promovendo a integração dos mesmos com as histórias contadas e despertando o seu interesse em saber o que o livro revela.

A criança ou adulto em situação de inclusão necessita ser ouvido e estimulado a se colocar na sociedade como um indivíduo de igual valor. E, por meio desta proposta de nova educação, isso é possível.

Trago para esse projeto uma forma mais humanizada de trabalhar o conteúdo escolar, uma forma de levar conhecimento a docentes e discentes em iniciação, não como uma forma de cobrança, mas sim de troca de experiências, pois somente somando conhecimento e trocando informações teremos uma educação inovadora e libertadora. Segundo Vasconcellos (2008, p. 21) “nossa opção por uma educação libertadora, não nos permite a acomodação ou simples acusação e o cruzar de braços”.

Precisamos fazer a diferença não podemos somente reconhecer o problema, temos que dar a solução.

O objetivo proposto é que o momento da leitura seja também o momento de integração entre os alunos.

Assim sendo, é importante que se desconstrua a disposição das carteiras na sala de aula, porque o estar em roda traz mais aconchego.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

E chegamos ao final de mais um ciclo onde muito se aprendeu e muito se ensinou.

Fazer parte da ANE me fez entender muitas coisas, mas a principal foi que não caminhamos sozinhos, somos um coletivo disposto a lutar por um único objetivo: mudar o sistema educacional tão ultrapassado e repressor que é apresentado para as nossas crianças.

Porém foi só o início de uma longa jornada, ainda há muito a se fazer para chegarmos a uma educação inovadora e inclusiva.

Nesse processo, respeitar e ser respeitado são um princípio básico, porém, nem sempre praticado. Isso me impulsiona a continuar nessa caminhada.

Sei que muitas mudanças precisam ser realizadas e as escolas precisam de mudanças físicas, pedagógicas e sociais.

Precisamos repensar as formas de avaliação respeitando a diversidade do aluno e a sua forma de aprender.

Tenho a convicção de que plantei a semente da inclusão e do acolhimento e que cada educador terá um olhar mais atento ao seu aluno.

Hoje o assunto autismo a meu ver esta menos assustador do que há 27 anos, acredito que o compartilhar da minha experiência de vida e minhas intervenções contribuíram de uma forma positiva para a inclusão do aluno autista, pois quanto se tem o conhecimento do assunto ele se torna aceitável e mais humanizado, mas ainda a muito a ser conquistado.

Como educadora vejo que é possível por meio de troca de experiência conscientizar docentes e pais, basta nós doar para fazer algo diferente.

Ao trabalhar a literatura podemos ter a confirmação que a criança com estímulos é capaz de compreender, aprender e expressar o seu sentimento.

Pude ver e sentir esta mudança nas pessoas que estiveram presentes neste processo de intervenção, pelo seu discurso e suas ações nas escolas e também em casa o estímulo com as crianças, pois tenho recebido inúmeras mensagens e perguntas para obter mais informações e conhecimentos.

Sei que não é fácil, mas é possível.

Seguirei dando a minha contribuição para que mais educadores sejam acordados, para essa mudança tão necessária e urgente.

As “Fadelhas” estão ganhando um novo formato, mais abrangente, que atenda não somente as crianças concentradas em uma só escola.

Estarão em formato digital com um canal no Youtube para atender o maior número de pais, educadores e crianças.

## 5. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **A escola não é um edifício**. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/escola-nao-e-um-edificiosao-pessoas-diz-idealizador-da-escola-da-ponte> Acesso em 15/06/2018

ALVES, Rubens. **Conversa com quem gosta de ensinar**. Ed. 11. Campinas SP: Papirus, 2009, 135p.

CNS. **2 de abril: Dia Mundial de Conscientização do Autismo**. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2011/01\\_abr\\_autismo.html](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html) Acesso em 10/01/2018.

DALCIN, Silvana Albertina Gea Fernandes **Um conto de fada que virou realidade memorial da trajetória de obra artística**, TCC 2016, 63p. disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/44351> acesso em: 10 de Julho 2018.

DALCIN, GRUCHOUSKEI. **O azul da cor que eu vejo**. Disponível em: <https://www.livrosdigitais.org.br/livro/913888YCUFNQNB> acesso em 16/07/ 2018.

FREIRE, P. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 11ª. Ed., 2000.

JUSBRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1033668/lei-12764-> Acesso em: 20/06/ 2018.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 96p.

MONTESSORI, Maria, ROHRS, Hermann. Tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. **Recife: fundação Joaquim Nabuco**, Editora Massangana, 2010

O azul da cor que eu vejo. DALCIN, GRUCHOUSKEI. Direção e produção DLOP L. (9,13min). Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCxIVQamD1IMzBQGdEDDkvTQ/videos> acesso em 19/07/2018.

ORRÚ, Silvia Ester. Autismo: o que os pais devem saber? Ed.Rio de Janeiro:Wak Editira,2009,108p.

PACHECO José. Agência Brasil - EBC. Torkania M. A escola não é um edifício, são pessoas, diz idealizador da Escola da Ponte. Brasília. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/escola-nao-e-um-edificio-sao-pessoas-diz-idealizador-da-escola-da-ponte> acesso em 15 de junho 2018

PACHECO, José. Caminhos para a inclusão. Ed.1. Porto Alegre: Artmed, 2007. 13, 230 p.

S GADIA, C.A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N.T. **Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento**. Jornal de Pediatria, v.80, p.83-94, 2004.

SIGNIFICADOS. Inclusão. Disponível em: <https://www.significados.com.br/inclusao/> acesso em:15/06/ 2018

TIEPOLO.E.; DALCIN S.; GRUCHOWSKI S. Relato de experiência do projeto de extensão minha escola lê: a formação de leitores na escola especial, 2015 disponível em [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20854\\_9603.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20854_9603.pdf) acesso em 27 /01/2018

UNIVERSO AUTISTA. **Autismo, mitos e verdades**. Disponível em: <http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/sections/index.php?op=viewarticle&artid=20> acesso em 11de abril 2018.

VASCONCELLOS C. **Avaliação concepção Dialético-libertadora do processo de avaliação escolar**. Ed.18. São Paulo. Libertad 2008,133p.